

ANTOLOGIA NACIONAL

VOLUME XIV



# POESIAS

A O V E N T O



ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-02-04330-1**

**2026**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- FORMOSURA RARA, POR AMANTE COSTA OMAZ, PÁG. 05  
PESO DURO DO CORAÇÃO, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 08  
JOÃO EM SUA ESCOLA, POR ANA CARVALHO, PÁG. 10  
ESQUECIMENTO, POR ANCHIETA SILVEIRA, PÁG. 13  
OBLÍQUO, POR ANCHIETA SILVEIRA, PÁG. 15  
POEMA LIBERTO, POR ANCHIETA SILVEIRA, PÁG. 17  
COMO EM NADA PENSAR?, POR ANGELO CARDOSO SÁ, PÁG. 19  
MASCARAR, POR ANGELO CARDOSO SÁ, PÁG. 22  
INTROSPECÇÃO, POR ANGELO CARDOSO SÁ, PÁG. 24  
A CASA DAS MEMÓRIAS, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 26  
JORNADA, POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI, PÁG. 29  
A CANÇÃO, POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI, PÁG. 32  
CHOVEU CANIVETE EM SÃO PAULO, POR FILIPE RICHELME NOBRE LIMA, PÁG. 35  
INFERNO, POR FILIPE RICHELME NOBRE LIMA, PÁG. 38  
LAMENTO DE AMANTE, POR FILIPE RICHELME NOBRE LIMA, PÁG. 40  
DESPEDIDA, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 43  
ENCONTRO, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 45  
O LUTO DO CORDÃO CORTADO, POR MATHEUS MAIA LUCKMANN, PÁG. 47  
O MENINO QUE ROUBAVA UM VENTO, POR NELCI LOURDES BACK OLIVEIRA, PÁG. 49  
NA TARDE DE DOMINGO, POR ROGÉRIO LUIZ CHAVES COSTA, PÁG. 51  
BELO DESIGUAL, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 53  
ESSA TAL DE FELICIDADE!, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 55  
EU SIGO A PALO SECO, POR ZÉL MORAES, PÁG. 57  
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 59

ANTOLOGIA NACIONAL

VOLUME XIV

# POESIAS

A O V E N T O

ADEMIR PASCALE



A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## **FORMOSURA RARA**

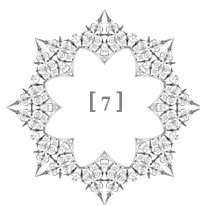
### **POR AMANTE COSTA OMAZ**

Nascido em dezembro de 1964, em Caçapava, São Paulo, Wilson Lara Junior casou-se com Sandra Maria. Aposentou-se no ITA - DCTA em 2025. É licenciado em Filosofia pela UNIMES; pós-graduado em Sociologia pela UNICLAR; pesquisador em Filosofia Clínica pelo Instituto Packter e pós-graduado em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia pela PUCRS. Pratica corridas a pé de médias distâncias. É um leitor voraz, e tem autores preferidos Carl Sagan, Machado de Assis, Isaac Asimov, Marcelo Gleiser, Victor Hugo e alguns outros tão memoráveis como os citados.



De todas, a mais donzela,  
A teu lado se escabela.  
Te inveja e se acautela,  
O orgulho se cancela.  
A verdade se desvela.  
A beleza mais singela,  
Sobressai sem cautela,  
Colocando na chinela,  
A rival sem balela.  
O filósofo medeia a querela,  
E ao pensar revela,  
A trinca paralela,  
Que a todos chancela,  
A vida sem mazela,  
Que seria aquela,  
Que busca a tutela,  
Da verdade que interpela,  
Da bondade que não atrela,  
E da beleza que tudo sela.  
Quanto a ti tudo se escancela.  
Não caio em esparrela,  
Pois ninguém mais zela,  
Por cada parcela,  
Da alegria que se miscela,  
Contigo como bacela.  
Ah! minha pucela,  
Por ti habito qualquer cela,  
Desde que acesse tela,  
Mesmo que de trivela,  
E somente parcela,  
Só com luz de vela,  
Um artista que pincela,

A imagem daquela,  
Que esse sempre esgoela,  
Ser a minha Cinderela.  
Sem dúvida, por ela,  
Mais que uma costela,  
Daria para junto dela,  
Com a face em minha lapela,  
Recebendo linda umbela,  
E ouvindo uma capela,  
Revelando medo de perdê-la,  
Como fosse chorumela.  
Que alegria foi aquela,  
Da incontida anela,  
Ao te ver pela janela,  
Retribuir a piscadela,  
Com brejeira olhadela,  
Para esse Zé ruela,  
Que já batia a biela,  
Tal como um matusquela.  
Ah! minha maior querela,  
Faço tudo por merecê-la,  
Tu, quando de saia amarela,  
Mostrando linda canela,  
Como mocinha de novela,  
Sandra Maria, minha estela,  
É sem receio, das belas a mais bela.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# **PESO DURO DO CORAÇÃO**

## **POR AMILTON CONTÉ**

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo.

Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou uma grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

2022; As Mágoas que magoam

2023; 50 Vidas Silêncio das almas perdidas

2024; Eu o poeta

2024; Antologia (Contos e histórias daqui e do além )

2025; Amor Sublimado dum poeta Antologia

2025; Minha história para o mundo

2025; Mistérios contos e poemas vol. III

2025; Cartografia dos afetos amor é um acto político.

Homenagens

2022; Gala de Homenagem II edição No sta djunto

2025; O Prêmio Literário Internacional Suisse Excellence

2025; Homenagem por mérito O Prêmio Afro events Luxemburgo



Tudo me nasceu fosco: cada acordar sem a ver, cada desejo de a ter, cada vontade de a amar.

Longas noites que me fazem escutar a melodia do impossível nas horas de uma dança retrógrada.

Silêncio chamando o bater forte do peito, em temperatura de suor, imaginando o fim da caminhada.

Nomes dei à santa, perguntas deixei, culpando o Divino, esse caminhar dos rios que levam ao mar.

Narrando essa santa na esperança de um salivar — gosto de caramelo, morango, que seja um beijo de amor.

Deliciando cada palavra inocente, sorriso que lambe o rosto, no clarear dos dentes onde a África encontro.

Pecados confessei, páginas pintei sem medo, chorei nos lenços do padre, meditando sobre o onipotente erro.

Ser como eu?... Clemência, Senhor! Pessoas rezei: mortos, deficientes, loucos — e uns vi nascer com tumor.

Foi nesse dia, eu e ela; pouco se lembra das palavras, mas falámos coisas simples, sorrímos sem nos aperceber.

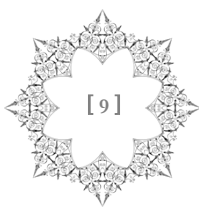
Foi aquele cuidado por aquele que passa — ninguém o vê —, esse que da relva come e da lagoa há de beber.

Foi um amor em lágrimas de amizade; por que eu? Um soldado morre com a sua reputação; a verdade dói.

As minhas bengalas nem o chão encontram, um cérebro onde pouco resta da juventude — amnésia, meu Deus.

Parece que era ontem: um segurança sem lugar de pausa, essa ninfa abrindo essa porta — não penso no adeus.

Extrait de “Eu, o poeta”, de Amilton Conté





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# **JOÃO EM SUA ESCOLA**

## **POR ANA CARVALHO**

Baiana, neurodivergente, professora de Literatura, avó de João, escreve porque a alma já é pequena diante de tanta verdade.



A porta dá para o recanto  
Já na entrada há a denuncia:  
Desligue o celular  
Pés descalços  
Mãos ao alto  
Arautos querubins falam e ensinam  
Falando em números  
A pequena existência  
Não se dobra ao prédio complexo que erige paredes diversas,  
Trabalhadores concretos  
Andaimes exportam paredes de plástico  
As interdições se rendem inertes  
Aos gritos infantis  
Perambulam alados  
A alegria infantil desdenha da realidade fabril da obra ao lado.  
Cerquinha amarela, madeira no piso, a escada e o desenho  
O cheiro da tinta seca das mãos em aquarela  
A olaria da alma não se disfarça  
Vejo o sorriso de agora  
Meu neto é gigante, tão grande  
Lembra meu filho quando era pequeno  
Tempo tirano,  
O carbono passando a limpo  
A relação agora é de paz  
Se houvesse um lugar que  
Silenciasse a vida na sua dureza espartana  
Seria ali  
Diante daquelas crianças  
A curiosidade, os dedos inquietos, o sorriso sincero  
Me ensinam tanto nesta antessala da pausa.  
Precisava aquietar minha alma  
A lama da realidade inglória

Cai indelével pela força titânica

A força das crianças

Minha alma em recreio agradece

Ainda há tempo de descansar

A minha alma atônita na calma infantil de João em sua escola.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## **ESQUECIMENTO** **POR ANCHIETA SILVEIRA**

Anchieta Silveira é jornalista formado e poeta inconformado. Crítico das injustiças sociais e dos insanos que nos governam. Andarilho solitário, amigo do silêncio e da brisa, cultuador da natureza intocada, apreciador dos dias cinzentos e das madrugadas ensolaradas... Em síntese: alguém que pensa, divaga e destoa.



Esqueci de te enviar aquelas flores.  
Não lembro quais, ou por que iria te mandar.  
Sequer sei quem tu és.

Ando esquecido das coisas que me encantam.  
Das manhãs, dos jardins,  
dos pássaros (será que ainda cantam?).

Tudo isso se foi.  
Será?  
Não lembro.

Não me vem à memória se um dia eu sonhei.  
Se um amor me deu sentido,  
ou se o tempo foi perdido.  
Nada disso mais eu sei.

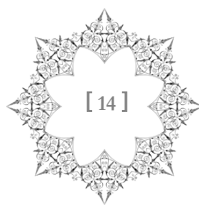
As marcas que deixei já esqueci.  
A felicidade, se a tive, esfumçou.  
Nada restou de lembranças, as boas, as ruins,  
tudo isso em mim se apagou.

Esqueci também quem eu sou.  
O que faço, o que procuro  
por onde andei, pra onde vou...

Esqueci até de terminar este poema.  
Será que vou retomá-lo em um outro?

Alguém ousará refazê-lo?  
Ou vão continuar de onde parei?

Isso também não sei.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# ***OBLÍQUO***

## **POR ANCHIETA SILVEIRA**

Anchieta Silveira é jornalista formado e poeta inconformado. Crítico das injustiças sociais e dos insanos que nos governam. Andarilho solitário, amigo do silêncio e da brisa, cultuador da natureza intocada, apreciador dos dias cinzentos e das madrugadas ensolaradas... Em síntese: alguém que pensa, divaga e destoa.



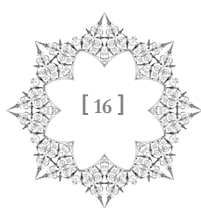
Temo pelo dia em que  
acordarei de mim mesmo  
e direi: eis-me!

Talvez nem fale por mim  
o que de ti és-me.  
ou me perca em si por estar-te.

O provável é que  
ti sejas o que me és.

Porém, fica-me a certeza inútil  
de que nunca  
serei-te em mim.

Mas também o conforto  
de que sempre  
estarei-me em ti.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## ***POEMA LIBERTO*** **POR ANCHIETA SILVEIRA**

Anchieta Silveira é jornalista formado e poeta inconformado. Crítico das injustiças sociais e dos insanos que nos governam. Andarilho solitário, amigo do silêncio e da brisa, cultuador da natureza intocada, apreciador dos dias cinzentos e das madrugadas ensolaradas... Em síntese: alguém que pensa, divaga e destoa.



Inútil indagar ao poeta  
quantos poemas ele fez na vida.  
Ele não fez, ele os libertou.

Porque a poesia anda cativa por aí.  
Na natureza, no sorriso de uma criança,  
nos olhos da amada...

Pode ainda estar presa na garganta.  
E às vezes temos que descer  
às profundezas para libertá-la.

O poema, uma vez liberto, ganha o mundo.  
Fertiliza sonhos, desejos, acende lembranças...

Provoca revolta, angústia,  
mas também nos conforta.

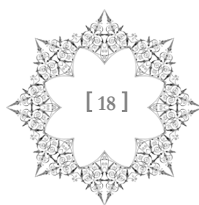
Faz a gente pensar, transmutar,  
rir e chorar.

Poesia é sentimento verbalizado.  
É o momento captado, fluido, inacabado.

É semente que brota  
em corações enamorados,  
desiludidos, desesperados...

É vivência, é latência,  
é grito mudo.

Mas é também liberdade,  
acima de tudo.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## **COMO EM NADA PENSAR?** **POR ANGELO CARDOSO SÁ**

Angelo Cardoso Sá é professor de Língua Portuguesa e Literatura. Doutorando em Letras, na área de Linguística e Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (bolsista CAPES), é mestre em Letras pela mesma instituição, na área de Literaturas de Língua Portuguesa (bolsista FAPEMIG). Linhas de pesquisa: Trânsitos literários – produção, tradução, recepção; Linguagem e enunciação – interações sociais e práticas discursivas. Também é pedagogo pela Faculdade Trilógica Nossa Senhora de Todos os Povos, possui especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo e graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Sua pesquisa concentra-se no projeto literário de Darcy Ribeiro em diálogo com os estudos decoloniais e a Análise de Discurso (AD) Materialista.



Como pode um poeta menor não ler Drummond?  
É que Carlos se fez nome bom, mas dobrar o ‘m’ só pode ser excesso.  
Abundância revela minha falta e eu insisto em soprar,  
contudo tropeço em pedras que me tombam a face.

Eu não tenho sete faces, tampouco uma letra dobrada em meu nome.  
Completo? Só se eu me chamasse Raimundo, todavia minha mãe se chama  
Anunciação,  
ela jamais colocaria o meu nome iniciando com a letra ‘r’. Quando nasci, a voz do  
anjo bradou em meus ouvidos — escute Darcy! Coragem: erre, mas passe pensamentos a  
limpo.

Insisto em não pensar em nada,  
mas o papel impulsiona meu punho.  
De repente, passo a limpo pensamentos  
proponho a mim mesmo o exercício de assoprar.

Afirmo que assopro expressões menores,  
porém a linguagem me domina e meus lábios  
cantam aquilo que acho que vejo — eu precisava reler Clarice  
naquela hora, entre 17:59 e 18:30.

A melancolia do entardecer sugere a composição,  
vejo que a possibilidade de em nada pensar  
saiu pela porta da frente, sem despedir  
apenas me deixou refletindo, revivendo idos e buscando o estrelato.

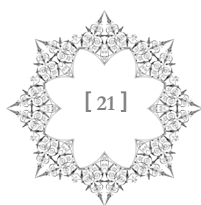
O mesmo anjo reto de minha infância me disse para não acreditar na cartomante,  
porque como somos todos nordestinos, a hora de nosso estrelato é quando  
quisermos.

Com uma face só e apenas assopros pequenos, datilografo em vermelho-sangue o  
futuro.

Talvez a minha hora de não pensar em nada seja quando o assopro não ressoar mais vida.

Certamente, no dia que meu eu não ressoar mais vida, após a última volta, eu toparei com Rodrigo S.M., e contarei a ele cada parte que compõe as narrativas de nós, os nordestinos.

Em seguida escreveremos juntos uma outra composição sem sinfonias clássicas, apenas baião, xote, xaxado ou até mesmo quem sabe escrevamos ao som de um piseiro — sem explosão.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# **MASCARAR**

## **POR ANGELO CARDOSO SÁ**

Angelo Cardoso Sá é professor de Língua Portuguesa e Literatura. Doutorando em Letras, na área de Linguística e Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (bolsista CAPES), é mestre em Letras pela mesma instituição, na área de Literaturas de Língua Portuguesa (bolsista FAPEMIG). Linhas de pesquisa: Trânsitos literários – produção, tradução, recepção; Linguagem e enunciação – interações sociais e práticas discursivas. Também é pedagogo pela Faculdade Trilógica Nossa Senhora de Todos os Povos, possui especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo e graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Sua pesquisa concentra-se no projeto literário de Darcy Ribeiro em diálogo com os estudos decoloniais e a Análise de Discurso (AD) Materialista.



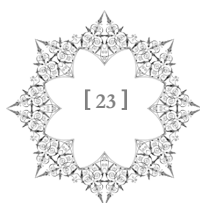
No mundo das ideias  
há uma potência que ultrapassa as fronteiras da razão humana  
o indizível, o inominado ou aquela coisa difícil de definir  
é o que nos puxa e nos coloca com os pés no chão.

No espaço da ficção  
existe uma possibilidade de dizer o que jamais se falaria em volapuque  
— a linguagem está no meio de nós, quando fazemos conta é que percebemos  
a interdição causada pelos calos da vida pregressa.

Meu ser gostaria de apenas existir  
mas é que a vida social nos pede máscaras  
afinal, com qual máscara eu vou perceber que meu rosto mais se encaixa?  
Se me avistarem por aí com panca de escritor, saibam que eu sonho com essa máscara.

Cáscara sagrada também é um remédio bom para se livrar das impurezas da linguagem?  
Se eu pudesse, perguntaria aos indígenas americanos o que eu deveria ter feito antes de  
escrever. Quando o espetáculo se fizer em crítica, creio que alguém dirá: *Debí tirar más  
fotos.*

Eu deveria acreditar mais em mim. Disseram-me negro, coloquei minha máscara e escrevi.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## **INTROSPECÇÃO** **POR ANGELO CARDOSO SÁ**

Angelo Cardoso Sá é professor de Língua Portuguesa e Literatura. Doutorando em Letras, na área de Linguística e Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (bolsista CAPES), é mestre em Letras pela mesma instituição, na área de Literaturas de Língua Portuguesa (bolsista FAPEMIG). Linhas de pesquisa: Trânsitos literários – produção, tradução, recepção; Linguagem e enunciação – interações sociais e práticas discursivas. Também é pedagogo pela Faculdade Trilógica Nossa Senhora de Todos os Povos, possui especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo e graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Sua pesquisa concentra-se no projeto literário de Darcy Ribeiro em diálogo com os estudos decoloniais e a Análise de Discurso (AD) Materialista.



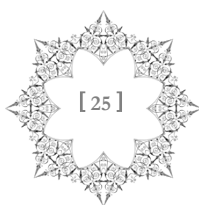
Joguei uma pedra no fundo da alma  
que desceu tão lentamente mostrando-me  
as profundidades de minha psiquê.

Busquei memórias de uma vida toda aos 30  
percebi-me adulto e encontrei canções que  
falam mais de mim do que eu mesmo.

Alcei minha caixa torácica para ver se sentir é  
a mesma coisa de existir, constatei que  
enganoso é o coração.

Tentei apertar o ar com o corpo inteiro  
mas o que consegui foi encontrar a saudade  
dos meus mortos, do cheiro da infância e das histórias de minha tia.

Toquei com os dois pés o chão de minha terra  
senti nascer em mim raízes, ganhei mais fé  
só porque estava em casa, percebi que é dentro da gente que a vida ressoa.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# **A CASA DAS MEMÓRIAS**

## **POR CISTERNA DE LUZES**

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB13.339), já publicou 17 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



E era, era longe e lá, lá muito longe.  
E era de pedra, de pedra de basalto ou de granito.  
Interno meu grito.  
Gritou, grita e jamais me isolou...  
Gritou, grita e nunca jamais... eu me isolei.

## II

Mas, era casa de pedra rústica, bela e fera.  
Ela era fera, ela era feraz...  
Ela era caverna de... pedra.  
Chorava musgos e fungos... lágrimas de águas das pedras... estas aqui, estas ali...  
estalactites e estalagmites... nunca mentiam, nunca se intrometiam... apenas oravam e  
apontavam...  
Choravam apenas... penas... penas de soluços de ais não consentidos.

## III

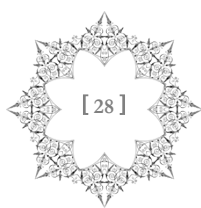
A casa da era, a casa de hera...  
A espelunca da cara de caverna.  
A porta, a portalada, a entrada... éster da química, áster e asteroide. . .  
Estreita, só, campainha, sem sala nem cozinha...  
Corredor onde se pode correr e percorrer...  
Corredor... onde nunca se pode correr...

## IV

A casa das Memória, a minha e a tua... história.  
Neurônios parentes, sinapses sem dentes... apenas boatos de mugidos de vacas e  
boiadas.  
Lobos, alcatéias ideias...  
Pelos, furtivos ou caídos...  
Fontes de águas e de aquedutos...  
Vinhos, vinhos, cinabres e vinagres...  
Minha casa da Minha Memória... onde guardo tudo o que eu sei e tudo o que eu não sei...

O que eu não sei... eu preciso garimpar e garimpar-me de mim...  
Só assim, só assim, luzes de focos de artificios de Meus Melhores Clarins.

Eu, a trombeta,  
eu a Trombeteira.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## **JORNADA**

**POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI**

Graduada em Pedagogia, Especialista e Mestre em Educação, Neuropsicopedagoga e Doutora em Ciências da Linguagem, atuou como docente da Educação Básica ao Ensino Superior, e como coordenadora pedagógica e administrativa em escola pública, além de voluntária em escola filantrópica e em função administrativa em setores públicos municipal e federal. Apaixonada por histórias, assídua leitora e cinéfila, desde criança rascunha ideias literárias. Pedagoga pelo Estado de Pernambuco, atua como Analista em Gestão Educacional, além de parecerista e autora acadêmica, membro de grupo do CNPq e grupo literário de sua cidade natal.



Pelos prados e campinas, espero repousar  
Das angústias e tristezas  
Do caminho em tropeço, desde o começo  
Das más surpresas a sondar

É preciso trilhar  
Passar  
Quando escurece, voar  
E ressurgir quando padece  
Sorrir quando esmorece  
Chorar em remissão  
Aprender com o coração  
Saltar

Lágrimas de emoção  
Olhar de gratidão  
Quando se aprende a amar  
Sonhar

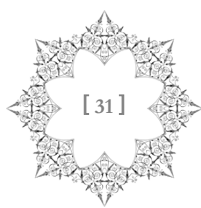
Viver é uma aventura  
Cada curva uma loucura  
Em ondas de homenagem  
Como uma canção  
Passado em (re)visão  
Para um futuro e permissão  
Mais de uma ação, missão

O presente é uma batalha  
E a esperança nunca morre  
Muda, escorre, some e volve  
Enraíza ao esperar  
Mesmo ao silenciar

Todavia, um buscar  
Toda vida, um sonhar  
A fluir, suspirar, realizar  
Em tanta vida a brilhar  
Mesmo com o brilho em um nublar

Vem a chuva, tempestade  
Mas há o sol a iluminar  
Quanta luz a desvendar  
Neste trilho ao caminhar  
Voar, saltar, amar  
Para libertar, sanar

Breve luar  
Luz a curar  
Amor para amar  
Nos prados e campinas repousantes a nos esperar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## A CANÇÃO

POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI

Graduada em Pedagogia, Especialista e Mestre em Educação, Neuropsicopedagoga e Doutora em Ciências da Linguagem, atuou como docente da Educação Básica ao Ensino Superior, e como coordenadora pedagógica e administrativa em escola pública, além de voluntária em escola filantrópica e em função administrativa em setores públicos municipal e federal. Apaixonada por histórias, assídua leitora e cinéfila, desde criança rascunha ideias literárias. Pedagoga pelo Estado de Pernambuco, atua como Analista em Gestão Educacional, além de parecerista e autora acadêmica, membro de grupo do CNPq e grupo literário de sua cidade natal.



Da luz do horizonte, um sol apareceu  
Leve, lindo, fluido e pleno  
Como a pluma de um véu  
E o céu abriu  
O vento emergiu  
Rugiu em adeus, subiu, planou  
Circulou, voou, mas voltou  
Para alento meu

Nesse instante ela foi puxada  
Para a almofada de uma nuvem  
Segura e firme foi levada  
Em um adorável volume

Pequena estava, tão miúda  
Perto da vastidão  
E feliz, livre e em paz  
No carinho da imensidão

Trombetas dos anjos tocavam  
Tanto som e vibração  
A natureza sacudia  
Em busca de participação

Voos mais altos, frio da brisa  
Calor do tempo  
Uma canção  
Era o nascimento que se apresentava  
E trazia vida a um coração

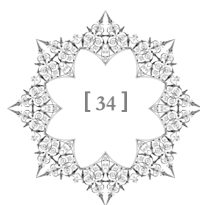
Ela nasceu, tão linda  
Tão meiga, delicada flor  
Vinda de longe, do céu, do alto  
Para o mistério de um mundo sem cor

O borrão da Eterna Beleza  
Este mundo apresentava  
Tentando no riscado, ainda cru e amargo  
Toques de alguma delicadeza embalada

Doces de uma pétala  
Eram o seu pisar  
No início, a tentativa  
O piscar de um andar  
No tropeço, o recomeço  
Mais um levantar  
Sinais de uma vida toda, ainda a descortinar

Tanto caminhar, rios a chorar  
Risos a brilhar  
Lembranças de um mar  
Sustento de um Amar  
Um dia a retornar

Vislumbre, como um sonhar  
Suspiros de pesar  
Sensação de um trilhar  
Até a memória desmanchar  
E criar  
Começar  
Olhar para o alto com breve impressão  
De que lá, do Criador, veio de Suas Mãos  
Oleiro da Canção  
Amor do Coração





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# ***CHOVEU CANIVETE EM SÃO PAULO*** **POR FILIPE RICHELME NOBRE LIMA**

Filipe Richelme nasceu na cidade do Rio de Janeiro, mas passou grande parte da infância em Mogi Guaçu, São Paulo. Após concluir o ensino médio, focou na sua carreira de escritor amador. Amante de arte e literatura, sonha em ingressar na faculdade de Letras.



Era domingo. São Paulo repousava em calmo cochilo. Hibernando. Ora dava espasmos em seus sonhos intranquilos, fuxicos de burburinhos altos. O que é que sonhava São Paulo? Como pode haver pesadelos que assolam até as criaturas ferozes? Talvez até os monstros tenham seus demônios.

Dormia.

Mas seu metabolismo ainda pulsava, teu sangue ainda fluía. Nas infinitudes de avenidas encarceradas em sua carne, com seu trânsito infinito, teu estímulo nervoso do roncar dos automóveis, que andam, que buzina. No seu fluxo que não para. Teu corredor infinito de filas, cada qual esperando uma fatia do seu sonho, uma colherada do seu Valhala, no escritório da empresa, na mesa sala, no meio da aula

E as tuas células, tua fauna de ascensão vertical, que da janelas de suas caixas de concreto, testemunham o seu magnífico funcionamento. São os nativos da selva de aço, que do interior de suas caixas a alimentam com sonhos quebrados. São Paulo tem seus parasitas, mas também sabe parasitar. O céu monocromático, como a parede rugosa e salpicada de um estômago faminto. Do seu nativo melancólico esmagado na engrenagem do sistema. Do verme que vagueia nada sóbrio, e some na próxima esquina. Se a natureza é biologia, São Paulo é mutação genética.

Até que vem a garoa, vem carregar o sangue do asfalto, as mágoas que se enclausuram na parede. Vem varrer sonhos perdidos no chão. Mas dessa vez, choveu canivetes.

Choveu pra rasgar as carnes dos pedestres e dos vermes. Então se constatou, todos tem o sangue da mesma cor. Uma mistura que se confunde na água, almas que escoam sem distinção. Pararam os carros, as intermináveis filas sendo fatiadas em pedaços. O seu fluxo eterno, pela primeira vez, virou calmaria

E o fluxo de tanta dor, de tanta amargura não vivida, de tanto sonho não alcançado, entupiu os bueiros. Que vieram a cuspir de volta o que lhe deram, como o filho bastardo que cospe no próprio prato. Como uma boca de lobo a rosar de volta pra cidade. Coisas que até às profundezas subterrâneas de São Paulo rejeitava.

Então foge-se da chuva, alguns se esconderam nos seus guardas chuvas, outros no encaixo de suas malas, outros na fachada acolchoada dos intocáveis prédios.

Mas então a chuva parou. Os carros voltaram a correr. Os transeuntes apressadamente se colocaram em rota. Os garis recolheram a carne espalhada.

A cidade respira fundo, se vira de lado e recomeça a sonhar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## ***INFERNO***

**POR FILIPE RICHELME NOBRE LIMA**

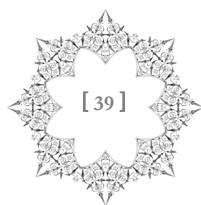
Filipe Richelme nasceu na cidade do Rio de Janeiro, mas passou grande parte da infância em Mogi Guaçu, São Paulo. Após concluir o ensino médio, focou na sua carreira de escritor amador. Amante de arte e literatura, sonha em ingressar na faculdade de Letras.

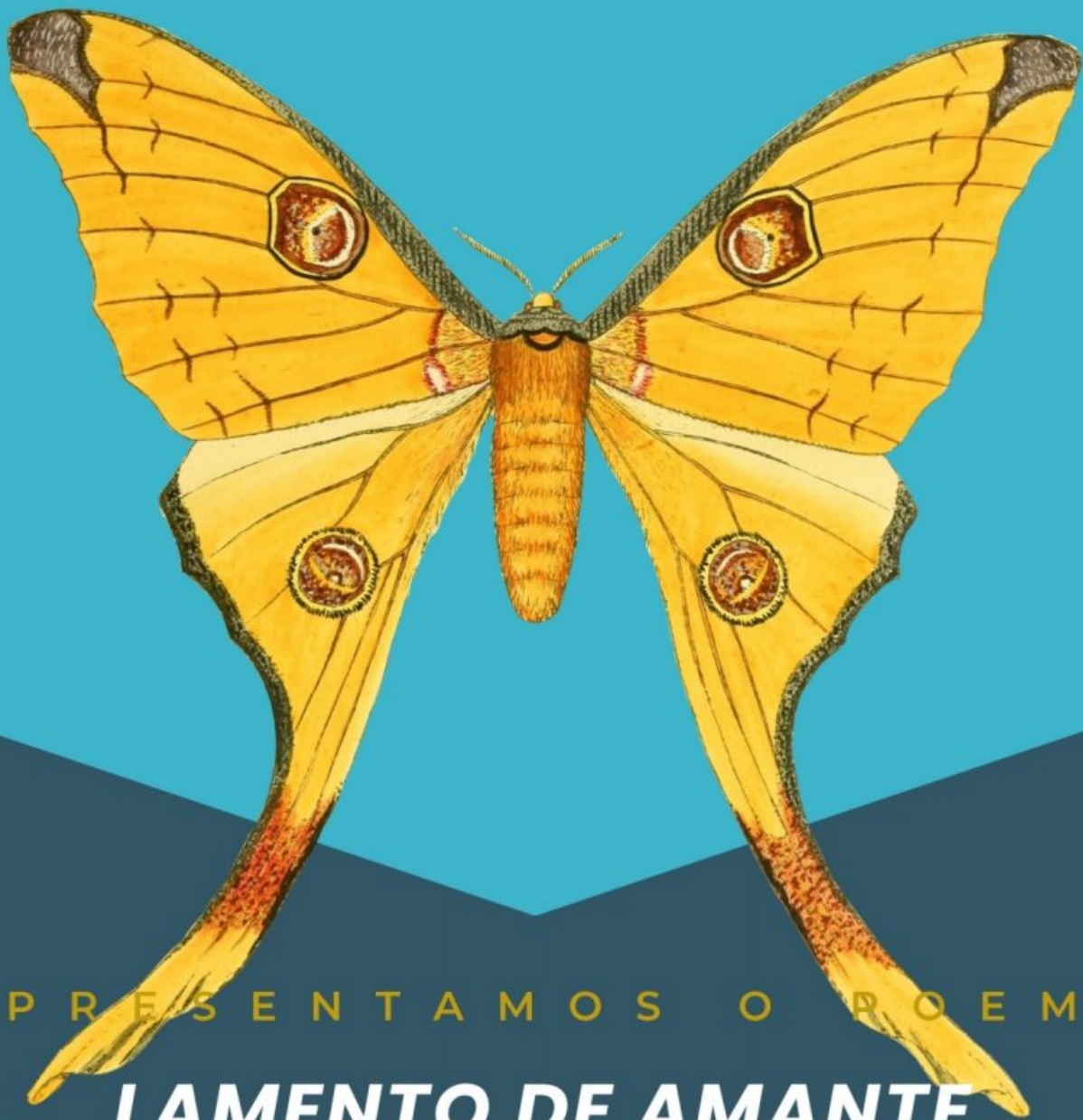


O inferno não é lugar,  
É uma coisa a qual rasteja.  
No inferno não se tortura ninguém.  
Suas milhões de bocas em perpétuo silêncio  
Teus olhos infinitos perdidos em olhares fugidios

Nos vales descampados e cinzentos,  
Onde se perde a vista em planícies eternas  
O único amante é o chiado trazido pelos ventos

As massas convulsionam em desespero surdo,  
Pois o inferno é quieto,  
Como a tragédia de um filme mudo  
A fatalidade de um quadro em preto-e-branco  
Esquecido pra sempre num canto da galeria da existência





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# ***LAMENTO DE AMANTE***

## **POR FILIPE RICHELME NOBRE LIMA**

Filipe Richelme nasceu na cidade do Rio de Janeiro, mas passou grande parte da infância em Mogi Guaçu, São Paulo. Após concluir o ensino médio, focou na sua carreira de escritor amador. Amante de arte e literatura, sonha em ingressar na faculdade de Letras.



Na calada da noite eu receio  
Das mãos que agarram teu peito  
Pra reduzir a pó meu mundo estreito  
Não há testemunhas na rua  
Somente o julgar frio da lua

Com ela vai embora  
E vai fluindo a hora  
E eu aqui na rua  
De tristeza exposta  
De amargura nua

E naquele sonho, amigo?  
De olhar doce e flerte antigo  
Teu toque me capturou antes  
Um refém seu de outro instante  
Procurou teu denso prazer  
No corpo de uma outra amante  
De outra jazida faz brotar teu diamante

E eu aqui na rua  
Sem me importar  
Que venha a noite escura  
Consumir a minha clave  
Em um tom de pecado  
Que torço pra que se lave  
E não deixe meu corpo marcado

E naquele dia, amigo  
Porque é que você que errou  
E eu que recebo o castigo?  
Sou um recipiente sem esperança

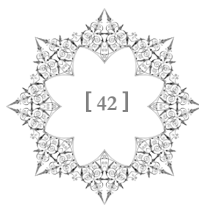
Como o teu dedo sem aliança  
Que só quer plantar uma muda de amor  
Em qualquer espaço de canteiro  
Que ainda não tenha uma flor

E eu aqui na rua  
Tragando o ar  
Que bate na carne crua  
Imbuído de tinto pecado  
De dor pura

E eu que só queria um canto  
Pra cultivar o meu campo

E naquele dia, amigo?  
Você nos braços de outra  
No conforto de outro abrigo  
Eu que era perfume de rosa  
Distração pra se esquecer da prosa  
Eu que era astúcia de raposa  
Artimanha de lobo  
Pra fazer esquecer da esposa

Eu aqui no asfalto frio  
De tanto que choro  
As pernas bambeiam sem equilíbrio  
Aqui sobre a rua  
Onde a lua julga  
A lua julga





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

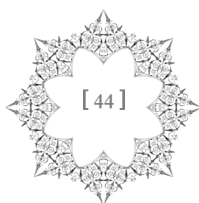
# ***DESPEDIDA***

## **POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES**

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Despeço-me de ti  
levo boas lembranças daqui.  
Quisera eu que fossem só elas  
e que estivesse livre das mazelas  
das más lembranças e da ferida.  
Mas como esquecer os motivos da partida?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# ***ENCONTRO***

## **POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES**

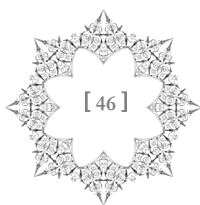
Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Procura-se o eu  
que se perdeu  
inconscientemente  
nos labirintos da mente.

Resgate da alma ferida  
por espinhos da vida  
conflitos interiores  
e falsos amores.

Busca incessante  
no ser instigante  
no universo infinito  
da paz para o espírito.





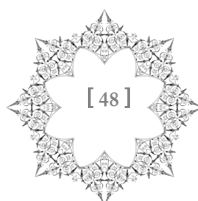
A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## **O LUTO DO CORDÃO CORTADO** **POR MATHEUS MAIA LUCKMANN**

Matheus Maia Luckmann é um porto-alegrense de 25 anos que une o dinamismo à vontade de ajudar o próximo. Casado e em um relacionamento de nove anos, ele encontra no automobilismo uma de suas grandes paixões. Embora tenha deixado a prática musical frequente há algum tempo, revisita a guitarra, o violão e o baixo como uma forma de lembrar bons momentos e se expressar. Além disso, utiliza a escrita para traduzir sentimentos e reflexões, equilibrando sua objetividade com um lado criativo e atento aos detalhes.



Eu choro por quem respira, mas já se foi de mim,  
Pela origem que se tornou um labirinto sem fim.  
O sangue é o mesmo, o laço é de ferro e nó,  
Mas no abraço que trocamos, me sinto cada vez mais só.  
Choro pela imagem que eu guardava na memória,  
Daquela que escreveu as primeiras linhas da minha história.  
Mas hoje, a face que vejo não me reconhece mais,  
Pois recusei ser o reflexo dos teus próprios temporais.  
Dói querer honrar quem tu foste no meu passado,  
Enquanto lido com esse presente frio e amargurado.  
Eu quis orgulhar a lembrança, a doçura que morreu,  
Mas o teu ego é o abismo onde o meu "eu" se perdeu.  
Tua boca diz que ama, mas o gesto me fere e trai,  
Entre a fala e o ato, a minha confiança cai.  
Foram tantas mentiras que o teu "amar" é um deserto, um sol que não se sente,  
Um teatro de sombras onde a verdade se esconde.  
Desconfio do teu peito, se há algo real ali dentro,  
Ou se sou apenas o palco do teu próprio convencimento.  
A cada abraço e "eu te amo", buscando um resto de luz,  
Sinto o universo inteiro pesando como uma cruz.  
Sou um desconhecido para quem me deu o primeiro olhar,  
Pois escolhi não me anular para poder te agradecer.  
Eu choro, sim, e a minha alma grita em agonia,  
Pelo luto de estar vivo... na tua eterna revelia.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## **O MENINO QUE ROUBAVA UM VENTO** **POR NELCI LOURDES BACK OLIVEIRA**

Nelci Lourdes Back Oliveira é gaúcha, casada, tem dois filhos, uma filha, dois netos e uma neta. Professora aposentada, graduada em Letras e Pedagogia. É especialista em Interdisciplinaridade. Gosta de ler e escrever para crianças. Escreve histórias para percorrer o mundo, e assim, levar pessoas do mundo inteiro a viajar nestas histórias. Tem participação em dezenas de antologias e seis livros publicados. Recebeu vários prêmios nacionais e internacionais.

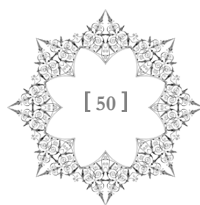


Um menino esquisito  
Com seus despropósitos  
Carregados de liberdade e poesia  
Deixou o mundo torto.

O menino seu castelo construía  
Numa bela manhã de primavera  
Sobrepondo finos cristais  
... eram gotas de orvalho.

Buscava o vazio, o infinito  
Nele o menino se completava  
Catava conchinhas no ar  
Criava crustáceos no bolso.

Nas tardes de minuano  
O menino roubava um vento  
E saía correndo com ele  
Para brincar de cata-vento.





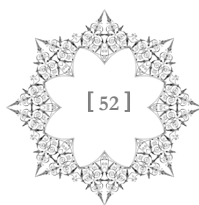
A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

***NA TARDE DE DOMINGO***  
**POR ROGÉRIO LUIZ CHAVES COSTA**

Mineiro de Conselheiro Lafaiete onde mora, bacharel em Direito, servidor público, casado, um filho. Aficionado pela leitura, arriscando-se também a escrever. Acredita que a família seja uma célula fundamental. Ama a natureza e os animais.



Na tarde de domingo,  
estou no quintal de casa.  
Meu tamborete é um luxo.  
Fico só observando  
como a minha horta tá bonita.  
A laranjeira que me faz sombra  
tá cheinha de flores,  
e o perfume toma conta da área.  
O zumbido dos insetos  
é uma melodia.  
Polinizadores incansáveis,  
as abelhas capturando  
o néctar das flores,  
e eu aqui sentado vendo a vida  
e pensando na vida,  
nesta tarde de domingo.  
Não há pressa de o tempo passar,  
o calor ali, a sombra aqui  
tudo tranquilo,  
vendo e sentindo a natureza  
no vento, nos pássaros,  
nas plantas, no calor do sol,  
na frescura da sombra.  
Refestelado no meu tamborete  
eu mesmo falo sozinho:  
eta mundo bom!





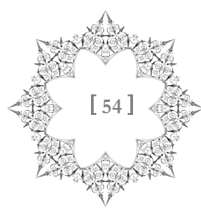
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

***BELO DESIGUAL***  
**POR SELMA LUANNY**

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Na irregularidade das pontas,  
comprimentos diversos.  
Redemoinho de curvas,  
dísparas formas.  
O desigual conjunto,  
harmonia compondo.  
Eliminando a simetria,  
fria e indigesta.  
Buscando diferenças,  
que se completam.  
Sem ficar no igual,  
que insípido, desconecta  
a razão do real,  
que é o arco-íris  
atrás do branco,  
para os cegos,  
escondido.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

## ***ESSA TAL DE FELICIDADE!***

**POR SELMA LUANNY**

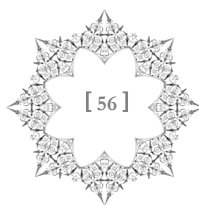
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



Perseguida como a um fugitivo.  
Como a um tesouro,  
em enevoadas estórias, intuído.  
A ser conquistado,  
não incomodando  
as barreiras a transpor.

Se enfim chega,  
vem como um sopro...  
que descabela e desaparece.  
Alento parece trazer  
à fria noite.  
Mas, pela manhã,  
como a névoa,  
se desfaz.

Não se anuncia.  
É fugidia.  
Colore e descolore o mundo,  
num repente.  
Vibrações únicas, provoca.  
Então, se desmancha, o coração  
e, a razão, entorpece.





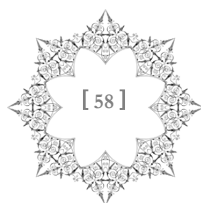
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## **EU SIGO A PALO SECO** **POR ZÉL MORAES**

Zél Moraes é professora do Ensino Fundamental I e escritora. Estudou Psicologia, Pedagogia e Psicopedagogia pela UEM e é especialista em Gênero e Diversidade na Educação pela UFPR, além de Autismo e Educação Especial. Na sala de aula e na escrita, cultiva a escuta do cotidiano e das pulsações humanas. Sua poesia nasce do encontro entre educação, sensibilidade e vida comum. Escreve como quem recolhe instantes e os devolve ao mundo em forma de palavra. Para ela, o tempo também pode dançar dentro das frases.



Equilíbrio o corpo  
no fio invisível dos dias,  
seguro no que a vida me oferece  
e deslizo.  
Às vezes me desequilibro,  
muitas vezes.  
E ainda assim, sigo.  
O vento bate no meu rosto  
como quem confirma  
que estou viva.  
A brisa do mar,  
a respiração do rio,  
tocam minha pele  
como promessa.  
Há momentos  
em que o pé encontra a água fresca  
e o susto do frio me desperta.  
Não é queda.  
É contato.  
Sigo a palo seco,  
sem ornamento,  
sem aplauso,  
com a coragem nua  
de quem permanece.  
Eu sigo.  
E fico.  
Porque ficar  
também é movimento.



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

**FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!**



VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**